

DISCIPLINA: FILOSOFIA

PROFESSORA: LAÍS ALVES

NOME: _____ **TURMA:** _____

PRÉ-SOCRÁTICOS

Na história do pensamento ocidental, a filosofia nasceu na Grécia entre os séculos VII e VI a.C., promovendo a passagem do **saber mítico** (alegórico) ao **pensamento racional** (*logos*). Durante muito tempo os primeiros filósofos gregos compartilharam de crenças míticas, enquanto desenvolviam o conhecimento racional que caracteriza a filosofia.

O mito de opõe ao *logos* como a fantasia à razão, como a palavra que narra à palavra que demonstra. O *logos*, sendo uma argumentação, pretende convencer.

Os primeiros filósofos

A fase inicial da filosofia grega é conhecida como **período pré-socrático** (anterior à Sócrates ou à sua filosofia). Esse período abrange o conjunto das reflexões filosóficas desenvolvidas desde Tales de Mileto, no século VII a.C., até o século V a.C. Cabe ressaltar, porém, que alguns pré-socráticos foram contemporâneos de Sócrates, sendo assim designados porque mantiveram o tipo de investigação de seus predecessores, centrado na **natureza**. Sócrates, por sua vez, inaugurou outro tipo de reflexão, voltado ao **ser humano**, dando início à tradição clássica da filosofia grega.

A busca da *arché*

Dentre os objetivos desses primeiros filósofos, destaca-se a construção de uma **cosmologia** – explicação racional e sistemática das características do universo – que substituísse a antiga **cosmogonia** – explicação sobre a origem do universo baseada nos mitos. Assim, com base na razão e não na mitologia, os primeiros filósofos gregos tentaram encontrar o **princípio substancial** ou **substância primordial** (a *arché*, em grego) existente em todos os seres, a “matéria-prima” de que são feitas todas as coisas.

Tales de Mileto: a água

Tales de Mileto (C. 623-546 a.C.) é tido como o pensador que deu início à indagação racional sobre o universo. Inspirando-se provavelmente em concepções egípcias, acrescidas de suas próprias observações de corpos hídricos – como rios e mares –, bem como da vida animal e vegetal, ele dizia: “*Tudo é água*”.

Assim para Tales, a **água** – por permanecer basicamente a mesma em todas as transformações dos corpos, apesar de assumir

diferentes estados (sólido, líquido e gasoso) – seria a *arché*, a substância primordial.

Esta é a primeira concepção **monista** da filosofia, pois considera que tudo o que existe pode ser reduzido a um princípio único ou realidade fundamental.

Anaximandro: o indeterminado

Outro filósofo de Mileto, **Anaximandro** (C. 610-547 a.C.), discípulo de Tales, procurou aprofundar as concepções do mestre sobre a origem única de todas as coisas e resolver os problemas que Tales lançara.

Para ele, a *arché* é algo que transcende os limites do observável, ou seja, que não se situa em uma realidade ao alcance dos sentidos, como a água. Por isso, denominou-a **ápeiron**, termo grego que significa “o indeterminado”, “o infinito” no tempo. O *ápeiron* seria a “massa geradora” dos seres e do cosmo, contendo em si todos os elementos opostos. Segundo sua explicação, por diversos processos naturais de **diferenciação entre contrários** (p. ex.: frio e calor) e de **evaporação** teriam surgido o céu e a Terra, bem como os animais, etc.

Anaxímenes: o ar

Anaxímenes (C. 588 – 524 a.C.), discípulo de Anaximandro. Ele concordava que a origem de todas as coisas era indeterminada, mas recusou-se a atribuir a essa indeterminação o caráter de *arché*. Para Anaxímenes, a substância primordial não poderia ser um elemento situado fora dos limites da observação e da experiência sensível, como o *ápeiron* de Anaximandro.

Este filósofo propôs o **ar** como princípio de todas as coisas. Ele considerou o fato de que o ar, quase inobservável, é um elemento mais sutil que a água, mas que ao mesmo tempo nos anima, nos dá vida, como testemunha nossa respiração. Infinito e ilimitado, penetrando todos os vazios do universo, o ar constituiria uma *arché* menos indeterminada que o *ápeiron*.

Pitágoras: os números

Pitágoras de Samos (C. 570 – 490 a.C.). Profundo estudioso da matemática, Pitágoras defendeu a tese de que todas as coisas são **números**. Assim sendo, o princípio fundamental seria a estrutura numérica, matemática, da realidade. A diferença entre as coisas resultaria, em última instância, de uma questão de números. Os pitagóricos entendiam, por exemplo, que os

corpos eram constituídos por pontos e a quantidade de pontos de um corpo definiria suas propriedades.

O mundo teria surgido da fixação de limites para o ilimitado, da imposição de formas numéricas sobre o espaço. E da estrutura numérica da realidade derivam problemas como finito e infinito, par e ímpar, unidade e multiplicidade, reta e curva etc.

Com Pitágoras, pela primeira vez na história da filosofia ocidental se introduzia, na explicação da realidade, um elemento mais **formal**, fundado na ordem e na medida.

Há, portanto, um **monismo** em Pitágoras quando ele diz que tudo é número. No entanto, sua doutrina sobre a origem do mundo nos leva a pensar em uma concepção **dualista** da realidade, pois afirma que o mundo surgiu de um *ápeiron* (o indeterminado) determinado pelo **limite** – princípio este que instaura o múltiplo, mas mantém a unidade e a ordem universal.

Heráclito: o fogo e devir

Heráclito (C. 535-475 a.C.). observava que a realidade é dinâmica e que a vida está em constante transformação. O filósofo dizia que tudo flui, nada persiste nem permanece o mesmo. **O ser não é mais que o vir a ser.** *"Tu não podes descer duas vezes no mesmo rio, porque novas águas correm sobre ti".*

Para ele o fluxo constante da vida seria impulsionado justamente pela **luta de forças contrárias**: a ordem e a desordem, o bem e o mal, o belo e o feio, a justiça e a injustiça, o racional e o irracional, a alegria e a tristeza etc.

É pela luta das forças opostas que o mundo se modifica e evolui. Por essa razão, Heráclito imaginou que, se devia haver um elemento primordial da natureza, este teria que ser o **fogo**, governando o constante movimento dos seres com chamas vivas e eternas.

Pela importância que deu ao movimento, a escola heraclitiana de pensamento é chamada de **mobilista**. Heráclito é considerado um dos mais destacados filósofos pré-socráticos e o primeiro grande representante do **pensamento dialético**.

Parmênides: o ser

Parmênides (C. 510-470 a.C) entendia que o equívoco das pessoas e dos demais pensadores era conceder demasiada importância aos dados fornecidos pelos **sentidos**. Parmênides achava contraditório buscar a essência naquilo que não é essencial, buscar a permanência naquilo que não permanece (a mudança, o movimento), ou supor que aquilo que é permanente pudesse converter-se em algo impermanente.

Assim, Parmênides optou por escutar o que lhe dizia a **razão** – e não os sentidos, que o faziam sentir a mudança – e proclamou que existe **o ser** e não é concebível sua não existência. **"O ser é e o não ser não é"**.

"O ser é" – expressa a ideia de que o ser (ou aquilo que é) **é eternamente**, pois o ser constitui, para ele, a substância permanente das coisas. Logo, o ser é de maneira **imutável e imóvel**, e é o único que existe. **O ser é a arché de Parmênides**. O ser é **uno, pleno, contínuo e absoluto**.

"O não ser não é" – traz a ideia de que o não ser (a negação do ser) não é, não tem ser, substância, essência. Portanto, é nada, não existe. Se o ser é tudo, o não ser só pode não existir. Para Parmênides, o não ser se identificaria com a **mudança** (o devir), pois mudar é justamente não ser mais aquilo que era, nem ser ainda algo que é.

Parmênides é considerado o primeiro filósofo a expor o **princípio de identidade** ($A=A$) e **de não contradição** (se $A=A$, é impossível, ao mesmo tempo e na mesma relação, $A=$ não A).

"O IGNORANTE AFIRMA, O SÁBIO DUVIDA, O SENSATO REFLETE". – *Aristóteles*

"OSTRA FELIZ NÃO FAZ PÉROLAS. ISSO VALE PARA AS OSTRAS E VALE PARA NÓS, SERES HUMANOS" – *Rubem Alves*

Bibliografia: COTRIM, Gilberto. **Fundamentos de filosofia**. 2. Ed. São Paulo: Saraiva, 2013. P. 203-211.